

CIVILIZAÇÃO VERSUS BARBÁRIE

LIVRO

ALI KAMEL, AUTOR DE *SOBRE O ISLÃ*, DEFENDE QUE NÃO SE DEVE COMBATER A RELIGIÃO, MAS AQUELES QUE, DE FORMA VIOLENTA, TENTAM IMPOR OS ENSINAMENTOS

NAHIMA MACIEL
DA EQUIPE DO CORREIO

Islamismo, judaísmo e cristianismo têm as mesmas origens. São religiões nascidas do pressuposto da existência de um único Deus. Maomé, o profeta do islã, legou ao seu povo o Corão, assim como Jesus deu os Evangelhos aos cristãos e Moisés deixou para os judeus a Torá. Nos três livros, o Deus é um só. O jornalista e sociólogo Ali Kamel parte desse princípio para mostrar as semelhanças entre as três religiões em *Sobre o islã - A afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo*. O segundo livro do diretor de jornalismo da TV Globo parte do nascimento das crenças e seu desenvolvimento nas civilizações passadas para tratar das origens do terrorismo islâmico, que perturba o mundo contemporâneo.

Autor de *Não somos racistas*, reflexão em que se posiciona contra

as cotas para negros nas universidades e defende a inexistência do ódio racial no Brasil, Kamel foi beber nas próprias origens para se debruçar sobre o islã. "Eu quis mostrar o que é o islã, a religião pacífica que ele é. Apresentar as semelhanças com o judaísmo e com o cristianismo, revelar que têm a mesma origem e explicar aos leitores brasileiros o que os terroristas pensam, o que querem e o perigo que representam", diz o autor, filho de um imigrante sírio muçulmano com uma brasileira cristã.

Na primeira parte do livro, Kamel cita Abraão para explicar o que há em comum entre as três tradições para, em seguida, narrar o surgimento dos braços sunita e xiita, até hoje correntes opostas dentro de uma mesma doutrina. Aqui, o autor aproveita para dar um panorama histórico da expansão do islã antes de entrar em discussões polêmicas que marcam a segunda metade do livro. Misoginia e violência no seio

Alba al-Marjani/AP - 31/10/06



NO IRAQUE, RELIGIOSO SUNITA FAZ SUAS ORAÇÕES: TRÊS RELIGIÕES, UM DEUS

da religião recebem capítulos à parte. Neles, Kamel procura lembrar que é apropriado não confundir a parte com o todo.

Há, sim, sérios problemas de direitos humanos em relação às

mulheres e uma violência exacerbada em determinados meios, o que não invalida a existência de um islã moderno e menos radical. "Muitos parecem acreditar que o islã não se moderniza, ao

contrário do que aconteceu com o judaísmo e com o cristianismo. O islã se moderniza e com tal rapidez que provoca uma reação tão estrondosa como o terrorismo", acredita.

Totalitarismo e fundamentalismo surgem na penúltima parte do livro. O autor se detém com precisão para esmiuçar a diferença entre o terrorismo e uma vivência fundamentalista da religião. "Eu discordo totalmente de que se rotulem os terroristas de fundamentalistas. Porque isso os enobrecer. O fundamentalista pode ser um fanático. Eu detesto fanatismo, mas fanáticos vivem a sua religião sem impô-la a mais ninguém. O que defendo é que os terroristas não são uma ameaça por serem fanáticos, mas por quererem impor a sua visão de mundo a nós pelo uso da força", diz.

Na parte final, Kamel propõe responder uma série de perguntas sobre a guerra do Iraque. É o momento no qual defende que Geor-

ge W. Bush, presidente dos Estados Unidos, fez de tudo para conseguir o aval da ONU para invadir o Iraque, assim como não mentiu quanto à existência de armas químicas nas mãos de Saddam Hussein. "Não sou advogado de Bush. Mostro todas as bobagens que fez. Sou advogado da boa informação. Quero que nós saibamos a encruzilhada em que estamos", avisa.

Para escrever o livro, Kamel pesquisou documentos e relatórios da Guerra ao Terror, como foi chamada nos Estados Unidos. Leu relatórios divulgados pelas comissões de inquérito norte-americanas e chegou à conclusão de que invadir o Iraque era uma medida para deter o avanço da organização terrorista Al-Qaeda. "Ao ler tudo, eu pude ver que desde o governo Clinton as informações disponíveis tornavam crível a possibilidade de que, sem o Afeganistão, o Iraque passasse a ser o estado por trás da Al-Qaeda, com consequências funestas", conta.

ENTREVISTA// ALI KAMEL

"Sair do Iraque não é solução"

O mundo vive um choque de civilizações? Dentro do Islã, qual a dimensão desse choque?

Acho que não. O mundo vive novamente uma luta entre aqueles que amam a liberdade e aqueles que amam a tirania. Se no século 20, essa luta foi da liberdade contra o nazi-fascismo de um lado e o comunismo de outro, agora é contra terroristas que querem impor ao mundo a sua concepção de religião. Não é a civilização ocidental contra a civilização islâmica. É a luta entre a civilização e a barbárie. O islã está perfeitamente integrado à tradição judaico-cristã, porque é fruto dela. Com isso, eu digo que o islã está contido no Ocidente e fora da barbárie. A imagem do islã foi contaminada pela face dos que o corromperam, os terroristas. Esse islã radical que explode bombas não é o islã, mas a corrupção do islã. O importante é que as três religiões têm uma mesma origem. E que o islã se obriga a respeitar judeus e cristãos, sem ter a pretensão de convertê-los à "nova verdade".

Por que no Oriente Médio a religião serve de justificativa aos sistemas ditatoriais e no Ocidente as religiões não são usadas dessa forma?

Essa é uma questão interessante. O Oriente Médio vive sob ditaduras, laicas e teocráticas. As teocráticas, sem dúvida, manipulam a religião para se manter. Nas laicas, são os movimentos de oposição

que manipulam a religião como forma de combate. Prometem o fim das agruras, mas são apenas o seu novo começo, como aconteceu no Irã. O xá (Reza Pahlevi), que queria ocidentalizar o Irã a fórceps, foi derrubado por impor uma ditadura, mas o movimento vitorioso se transformou numa ditadura ainda pior, que controla cada centímetro da vida do cidadão, querendo determinar o modo de vestir, de comer, de pensar. Isso é uma tragédia. Os jovens desses países, que vivem sob uma ditadura laica, devem olhar para o que aconteceu com o Irã como forma de não repetirem o erro. Ditaduras devem ser combatidas para que a liberdade vença, não se pode trocar uma ditadura por outra. O Ocidente, no entanto, viveu processo semelhante, durante séculos, com a religião sendo a força motriz. A liberdade prevaleceu após muita luta. Não será diferente no mundo islâmico.

Você enxerga muitos equívocos na maneira como fundamentalismo e islã são tratados na imprensa mundial? Quais seriam os mais graves?

De fato, a mídia trata fundamentalismo e terrorismo indistintamente. Isso é um fenômeno mundial. Quase ninguém faz a diferença. Eu faço. Ser fundamentalista não implica ser totalitário. O fundamentalista é um fanático que vive a sua crença de uma maneira radical, mas sem querer impô-la aos demais. Pode fazer proselitismo, tentar ganhar almas, defender o seu ponto de vista, acreditar que é o único certo, mas não sai por aí atirando bombas em quem pensa diferente. O terrorismo islâmico pode até ser fundamentalista, mas não é isso o que o distingue. Ele quer impor sua crença, pelo uso da força, a todos nós, o que faz dele totalitário. A mídia não percebe essa diferença. E ao chamar indistintamente de fundamentalista o papa Bento XVI e usar o mesmo rótulo para os terroristas, provoca mais do que uma confusão: produz injustiça. Porque o papa vive sua fé de maneira muito forte e acredita que é portador de uma verdade. Mas, desde o iluminismo, não sai por aí queimando pessoas que pensam diferente.

Querer que o papa seja flexível em matéria de fé é bobagem, é não entender o que é a Igreja. Ele pode até ser fundamentalista, no sentido de viver a fé de maneira radical. Mas ao chamar também de fundamentalistas os terroristas, a mídia só cria confusão.

A ONU seria uma instituição enfraquecida hoje, depois de sucessivas invasões conduzidas a sua revelia? Você acha que o mundo deveria reavaliar seu formato?

Não acho que a ONU se enfraqueceu. Ela está onde sempre esteve. O papel da ONU não é gerir o mundo, mas tornar o diálogo entre as nações fluido. Nem sempre isso acontece. Os EUA, atacados, tentaram o quanto puderam ter um apoio consensual do mundo, principalmente da Europa. E não conseguiram, algo injusto. No século 20, por três vezes, os EUA socorreram a Europa contra ameaças totalitárias: na Primeira Guerra Mundial, na Segunda Guerra Mundial e na Guerra Fria. No século 20, na primeira vez em que os EUA precisaram de um apoio decisivo da Europa, ouviram um não. E foi o desastre que a gente testemunhou. É verdade que Bush, no pós-guerra, fez tudo errado e é culpado pelo estado de coisas atual. Até o último instante, acreditou que seria possível manter a paz ali com poucos homens (assim como foi possível "ganhar" a guerra com poucos homens). Estava errado. No momento de pico, havia ali 150 mil soldados. A Polícia Militar de São Paulo tem 140 mil homens - e quando o Primeiro Comando da Capital (PCC) resolve tocar fogo na cidade, esse número é baixo para pôr ordem na casa. Imagina no Iraque. Se a Europa tivesse aceitado uma aliança real e poderosa, talvez a história fosse outra.

Você acha que os EUA devem sair do Iraque? O que pode acontecer após essa retirada?

Os Estados Unidos não podem sair do Iraque. Os democratas sabem disso. Se vencerem as eleições, tratarão de conseguir ajuda da Europa. Sair do Iraque é concretizar os piores temores. A Al-Qaeda poderia derrubar o atual governo, e, no fim de uma guerra civil, teria nas mãos um estado forte, rico e poderoso. E todas as condições para recolocar seus planos em curso. Isso seria um

pesadelo. Os democratas não dizem isso agora, porque estão numa disputa eleitoral. Mas quando se sentarem na cadeira de presidente, botarão as barbas de molho. E farão tudo para resolver o problema do Iraque. E sair do Iraque não é solução. É mais problema.



SOBRE O ISLÃ - A AFINIDADE ENTRE MUÇULMANOS, JUDEUS E CRISTÃOS E AS ORIGENS DO TERRORISMO

De Ali Kamel.
Editora Nova Fronteira,
319 páginas.
R\$ 34.



Feriado da Independência no Blue Tree Alvorada

Festival Gastronômico em homenagem às cinco regiões brasileiras no restaurante Herbs



Diária R\$ 169,00

+ 5% de ISS (quinta, sexta, sábado ou domingo) | Apartamento standard
Café-da-manhã | City tour com roteiro cívico | Atividades de esporte e lazer monitoradas



BLUE TREE
ALVORADA

SHTN, Trecho 01, Cj. 1B - Bloco C
CEP: 70800-200 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3424-7018
reservas.brasilia@bluetree.com.br